

José Osair Sales – Sian

Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Alto Rio Jordão – ASKARJ

Mesa: Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: as possibilidades reais de desenvolvimento sustentado para sociedades indígenas. A gente espera que nossos amigos antropólogos, cientistas, essas pessoas que estudam, possam nos ajudar a melhorar a situação indígena no Brasil. O ano 2000 está chegando e temos que discutir como enfrentar essa situação. Como disse o companheiro no início, não vamos culpar ninguém porque tudo já começou errado. As discriminações já foram muito maiores e a nossa desgraça também. É muito difícil viver em paz com esse encontro de sociedades no Acre. Tem brasileiros, tem indígenas, situações muito complicadas. O contato era difícil, fomos obrigados a entregar parte de nossos recursos porque estava muito difícil. Hoje, a população indígena do Acre conta com mais ou menos 12 etnias. Algumas comunidades estão avançando, outras ainda precisam avançar. Há brigas entre a Igreja, as organizações e outras políticas que não se encontram. Por causa dessas questões, criamos a nossa organização, a associação das comunidades indígenas. A gente tem um chefe que coordena, como vocês também têm um chefe, que é o governador do estado ou o presidente da república. Nosso chefe é o chefe da comunidade, mas tivemos que criar uma organização para nos representar e buscar o benefício da comunidade. Em 1988 nós criamos a associação (ASKARJ) com a finalidade de buscar benefícios para a comunidade. O Renato, por exemplo, conhece nosso trabalho, pois a OXFAM já apoiou um projeto de recuperação e retorno de nossa terra. A associação já tem 11 anos de luta e essa experiência nos permitiu fazer a reivindicação de educação, de programas de saúde, de cooperativas. Há uns 3 meses atrás estávamos discutindo sobre os direitos indígenas, um assunto muito difícil porque vocês sabem que o direito que nós tínhamos era muito pequeno, a gente é muito discriminado em todas as partes. Hoje mesmo, de manhã, eu estava achando que éramos poucos aqui. O João disse que, se fosse na aldeia, haveria as meninas, as mulheres, mais gente. Mas aqui, pelo menos, há uma consciência das pessoas que nos chamaram para ver como é que podemos mudar essa política. Um dos nossos maiores problemas é o de garantir mercado para os nossos produtos. Trabalhamos com extrativismo, com borracha, com agricultura, com criação de animais e com a produção de artesanato. Esta é a nossa cultura, que a gente fala tanto em valorizar. Também reivindicamos no ano passado um estudo da nossa medicina. Às vezes, nossos amigos antropólogos, cientistas e outras pessoas que estudam, levam essas coisas e a gente fica vazio. É por isso que até hoje estamos muito fracos. Agora nós queremos estudar junto com vocês. Queremos fazer uma pesquisa de manejo da pesca, pois a nossa terra é problemática tanto na enchente quanto no esvaziamento da água. Nossa associação busca autonomia, independência. Quando se fala de índio, todos ficam assustados. Temos que conquistar igualdade na sociedade, garantir o mercado com uma produção de melhor qualidade, ter melhor educação, programas de saúde. Estamos conscientes de que o atual governo do estado pelo menos não é como o governo que enfrentamos no passado, que era inimigo da gente. Agora há um governo que pode apoiar o fortalecimento de nossas atividades. A FUNAI foi importante na questão da demarcação da terra, na questão da casa do índio. Hoje eu acho que nós mesmos temos que definir nossos rumos. Estamos chegando no milênio e continua essa situação de miséria do Brasil, que a gente vê em todo lugar do estado. Chegou o tempo de decidirmos, de fazer uma organização que nos represente. Hoje há muita divisão. Além da divisão interna, temos uma divisão das autoridades. Há as ONGs, há vários tipos de igreja, tem o governo, tem os

políticos também no meio dessas coisas. Nossos conselhos tradicionais, com nossos pajés, com nossos aliados, com nossos amigos, têm que se unir e fazer um caminho só, pois assim vamos chegar mais rápido. Se começarmos a pensar em milhões de organizações no Brasil e internacionais, cada qual para o seu lado, nunca vamos chegar a lugar nenhum. As histórias são sempre assim: começam bem, mas terminam mal. Nós, indígenas, discutindo com o mundo mais avançado, com doutores, antropólogos, mestres, acho que nosso lado fica sempre meio fraco. A nossa sabedoria vem da terra, das florestas, dos animais, dos peixes. Esse conhecimento é que vem nos permitindo sobreviver. Chegou o tempo de nos unirmos entre nós, de tirar definições. O Acre já começou a discutir como vai tomar o seu destino. Temos que criar um sistema de representação que trate diretamente com o governo, que não passe pelo atravessador. Precisamos nos definir por uma organização forte, por uma organização das comunidades. As lideranças têm que representar o que elas querem, com assessores melhores que, como humanos, tenham sentimento no coração. É entre essas comunidades, com suas organizações, que temos que buscar uma política. Essa experiência que temos tido, em todas as organizações, com certeza vai trazer alguma conclusão. Espero que esse seminário não seja apenas mais um em que a gente participe e que não leve a nada. Às vezes a conversa é muito boa, mas quando a gente volta para casa tudo continua na mesma. Nós que estamos vendo a coisa mais de perto, no Acre, estamos com muita vontade de nos organizar. Eu fiquei animado quando recebi o convite para discutir política indígena, porque é uma coisa que vem da sociedade. Então me animei um pouco, porque quando a gente fala sobre isso é um avanço, para nós é muito importante. Saber administrar nossa associação é muito difícil, pois há uma burocracia muito grande, uma parte jurídica que tem que estar funcionando com tudo direitinho para termos acesso a esses programas do governo. Você nunca faz um projeto para pegar um fundo sem ter um problema, você tem sempre que estar andando em cima da linha. Não é só por isso que a gente tem dificuldade. Temos que enfrentar estas coisas e saber administrar, entrar mesmo dentro da sociedade. Se nós dividíssemos a terra como os índios americanos têm feito nas terras deles, se criássemos uma lei, uma lei própria, eu acho que o Brasil teria medo. Poderíamos criar uma lei própria e fazer o que achamos que devemos fazer, mas, já que somos brasileiros, vamos tentar enfrentar a situação com uma representação importante dentro de um contexto brasileiro. Com relação a esta questão da FUNAI que estava sendo discutida aqui de manhã, falando-se em não sei quantos mil reais por ano, por mês, que se recebe, eu queria dizer que o programa mesmo, real, não existe dentro da comunidade indígena. Então, eu acho que seria interessante a gente criar um fundo indígena, para que as comunidades que tenham interesse façam os seus programas e tenham acesso a ele. Há o desenvolvimento sustentável, há aquela coisa falada de biodiversidade, que às vezes só é usada lá nos Estados Unidos. Fomos saqueados de todo o nosso ouro, e hoje estamos aqui, todo mundo fraco. Aonde é que nós vamos parar depois dessas coisas todas? Nossa rede já está pequenina, daqui a pouco não existe mais ninguém. Todo mundo está com medo, alguns dizem que o mundo vai acabar no ano 2000, outros dizem que não. Acho que não acaba não, quem vai acabar mesmo são as situações que vêm comendo a gente. Temos uma experiência enorme acumulada, que o Terri daqui a pouco vai comentar. Ele escreveu um livro sobre a economia Kaxinauá. O nosso relator também, o Marcelo, tem escrito coisas importantes, são pessoas que estudaram um pouco sobre a nossa vida e que tentaram nos entender. Também está aí o João, que há muito tempo vem trabalhando a respeito da causa indígena e tem lido o material dos Ticuna. O Pedro estava aqui falando sobre museus. A gente tem acompanhado outras atividades que vêm sendo desenvolvidas e eu espero que

esses nossos amigos tenham consciência, que a gente possa trabalhar junto. É importante que nós estejamos aqui, com os senhores, que mexem com essa lei brasileira e que não comem a gente. Do ano 2000 para a frente vamos ter que estar preparados para enfrentar a situação. Não é uma coisa vinda de fora que irá ajudar a gente, teremos que ser nós mesmos, com nossa união, com nossa sabedoria. Se fosse lá na aldeia Kaxinauá, nós dáríamos uma aula, mas falar aqui nos dificulta um pouco. Então, eu agradeço pela presença da gente. Vai ter um resultado importante todos pensando juntos sobre a conjuntura.